

## As memórias do 27 de maio de 1977 em Angola

Inácio Luiz Guimarães Marques

27 de maio de 1977. Há 34 anos aconteceu em Angola um dos episódios mais polêmicos, controversos e violentos de sua história recente. 18 meses após a Independência, proclamada pelo MPLA em 11 de novembro de 1975, a crise nitista evidenciou o alcance das contradições internas no MPLA. A expressão nitista, ou nitismo, refere-se a um dos principais líderes da contestação, Alves Bernardo Baptista, Nito Alves, guerrilheiro da 1ª região Político-militar durante a guerra de libertação, que aparece com mais evidencia no Movimento durante o Congresso de Lusaka, em 1974, defendendo as posições do presidente Agostinho Neto. Como aliado chegou aos altos escalões do Movimento, o que lhe rendeu o cargo de Ministro da Administração Interna no primeiro governo independente, em 1975. Durante o ano de 1976, *grosso modo*, sua posição político-ideológica – a favor do estabelecimento de um governo marxista-leninista – foi progressivamente conquistando adeptos e, ao mesmo tempo, provocando atritos com o Governo, que ao contrário insistia em uma chamada Revolução democrática e popular que não ameaçasse sua legitimidade. Em outubro deste mesmo ano foi acusado, juntamente com seus principais aliados, José-Van-Dunem e Sita Vales, de traição, o que lhe custou a perda do cargo de Ministro. Apesar disso, não cedeu aos pedidos para que se calasse, o que rendeu a Nito Alves – e também a Van-Dunem – a expulsão formal em 20 de Maio de 1977 dos quadros do Movimento. Apenas uma semana depois, no dia 27, tentaria sem sucesso derrubar o Governo. Essa atitude foi golpista ou terá sido uma insurreição?

Por este motivo, o objetivo do meu mestrado é avaliar este episódio a partir das diversas versões produzidas e reatualizadas ao longo do tempo.

Vale dizer que devidamente advertido por Eduard Thompson, que já afirmara que a História é uma disciplina do contexto e do processo, não poderia ter proposto outra análise senão o estudo da crise nitista<sup>1</sup> inserindo-a no contexto da luta de libertação de formação do nacionalismo e do Estado independente angolano. (THOMPSON, 2001) Cabe ressaltar, no entanto, que essa história não foi pensada a

---

<sup>1</sup> Assim chamada pois teve como figura principal Alves Bernardo Baptista, ou simplesmente Nito Alves.

partir de uma lógica evolutiva, em que se procuraria seguir os rastros do desenvolvimento contínuo e linear do MPLA de 1961 até 1977. Não há lugar, portanto, para a idéia de que residiria no passado recente angolano à origem essencial capaz de explicar o nitismo. Penso que o contexto é fundamental se utilizado para avaliar de que modo se desenvolveu a luta de libertação e o governo independente, através de seus conflitos e suas relações de força, os quais certamente não obedecem a uma lógica ritmada como pode nos fazer crer o discurso histórico do contínuo e da evolução.

Para esta comunicação, por conta do tempo disponível, me permitam ajustar o foco para as memórias em disputa sobre o 27 de maio. Já é sabido por todos nós que o exercício de pensar o passado é seletivo: nem tudo fica gravado e registrado. Existe um processo de inclusão, exclusão, de esquecimento. Dinâmica, a memória sofre transformações e mudanças constantes em função do momento em que é articulada.

Para o caso angolano, para evitar a polarização simplificadora entre *memória oficial* ou dominante e *memória genuína* ou dominada, estabeleci as seguintes categorias: memória oficial da nação (como veremos, a do MPLA), memórias dos grupos (nesse caso, a dos nitistas) e a *memória erudita* (finalmente, a que eu chamei dos avaliadores). (FRANK, 1992).

A memória oficial, ou versão oficial, produzida pelo MPLA logo após os acontecimentos do 27 de maio pode ser encontrada de forma muito evidente nos textos publicados em junho de 1977, no *Boletim do Militante*, material produzido pela imprensa oficial durante os primeiros anos do governo independente.

Nas edições *fraccionismo e a tentativa de golpe do 27 de maio*, *É preciso que os assassinos paguem pelos crimes praticados*, *Camarada Presidente denuncia mais responsáveis pela tentativa de golpe reaccionário* ou *O fraccionismo é uma arma do Imperialismo*, a resposta do MPLA foi a desqualificação imediata dos envolvidos, como um grupo de oportunistas, assassinos golpistas e reacionários, que trabalharam a serviço do imperialismo, ou seja, dos Estados Unidos. A esta prática política, que se mostrou ao longo da luta de libertação autoritária e antidemocrática, foi agregada uma violência sem precedentes, sob a justificativa, oferecida pelo próprio Presidente Agostinho Neto, de que era necessário restabelecer a ordem e manter unidade nacional.

Em uma declaração feita no dia 28 de maio, Agostinho Neto disse, *Nós vamos ditar uma sentença. Não vamos utilizar o processo habitual, que não seria justo*,

*quando de uma maneira tão evidentemente fascista, elementos se comportam, aqui, como defensores da Revolução.*

Em relação a versão dos nitistas, Miguel Francisco “Michel” talvez seja atualmente o personagem mais interessante a se destacar, precisamente pelo fato de ter abordado a questão do 27 de maio de 1977 com mais solidez. Sobrevivente das ações repressivas, concedeu em maio (25) de 2002, para o jornal da capital angolana Folha 8, uma entrevista em que, inserindo-se como militante do MPLA, coloca Nito Alves em um posição legalista, chegando mesmo a afirmar que o que defendia estava consagrado nos estatutos do MPLA.

Nessa perspectiva, o 27 de maio teria sido, segundo suas palavras, *uma causa nacional e não uma pretensão de meia dúzia de indivíduos ou de líderes*. Está em jogo aqui uma versão em que o objetivo não era derrubar o Presidente Agostinho Neto, mas, pelo contrário, conquistá-lo, direcionando suas acusações para os que o cercava e, em especial, para o então Secretário Administrativo do Bureau Político, Lúcio Lara<sup>2</sup> apontando como o “gerente” de guinada para *a direita*, *um social-democrata que se devia combater*.

Interessado em tornar pública sua experiência de forma mais consistente e, conseqüentemente, em defender sua versão, Miguel Francisco “Michel” publicou em 2007, em Portugal, o livro intitulado *Nuvem Negra – o drama do 27 de Maio de 1977*. Retomando sua posição já estabelecida na entrevista, pôde, desta vez, explorar sua trajetória desde a Insurreição Popular, como chama, passando pela violenta reação do MPLA, sua prisão no campo da Calunda até sua libertação, anos mais tarde, já na década de 1980. A justificativa para as ações durante o 27 de maio estariam novamente relacionadas com o desvio de Agostinho Neto dos objetivos iniciais, que teria sido influenciado por Lúcio Lara.

---

<sup>2</sup> 5º Tese: O ANTI-SOVIETISMO – ARMA DA CONTRA-REVOLUÇÃO A "LUVA DE FERRO" DO SECRETÁRIO ADMINISTRATIVO DO BUREAU POLÍTICO. “Se há um dirigente contra o pensamento estratégico do camarada Presidente este tem um único nome – Lúcio Lara – que é o chefe dos anti-soviéticos no MPLA. Eis o desvio monumental, o colossal fraccionismo da nossa História. Eu não estou enganado e a história vai confirmá-lo.”

A tese de Michel segue na perspectiva de que muitos se aproveitaram do 27 de maio para ajustes de contas e para a definição de diversas rivalidades. Afirma que após a falhada ‘Intentona’ o Presidente Neto também falhara e que os “falsos militantes” se aproveitaram desta falha, que consistira em defender publicamente que não haveria perdão nem tolerância contra *todos aqueles que quiseram destruir o MPLA* [e, portanto, não se deveria] *perder tempo com julgamentos*. (FRANCISCO, 2007, p. 28) Essa palavra de ordem teria servido de suporte legal para os “oportunistas” entrarem em cena. De todo modo, é certo que o resultado da repressão foi à prisão e o assassinato de milhares de quadros do MPLA, muitos dos quais sem envolvimento com Nito Alves e José Van Dunem.

Apesar de seu destaque, Miguel Francisco “Michel” não é o único a construir uma versão favorável aos nitistas e, portanto, uma memória positiva do 27 de maio, em termos de sua importância enquanto fenômeno político de contestação. Apenas para citar um exemplo, José Amaral dos Santos, sobrevivente da repressão pós-27 de maio, questiona a versão oficial e, também dando legitimidade a proposta dos nitistas, afirma que o que nitistas queriam, em suas palavras, *eram mudanças, no interior do Movimento e do Governo. Que os dirigentes pensassem mais no povo e não comessem a transferir dinheiro para as famílias em Portugal*. Recusando a alcunha de golpistas, chega mesmo a dizer que o malogro das ações deveu-se exatamente pela recusa das lideranças em organizar um golpe militar, pois teriam optado por uma insurreição popular.

Em relação as versões dos Avaliadores, historiadores ou não, que desenvolveram trabalhos mais consistentes sobre o 27 de maio, destaco 3 deles que possuem diferenças analíticas marcantes.

O primeiro a abordar o tema foi, ainda em 1978, no calor dos acontecimentos, o historiador inglês David Birmingham. Apresenta os problemas da então recém-independente república, que enfrentava naqueles anos graves dificuldades na produção agrícola, na logística de distribuição e venda dos alimentos e na mobilização de mão-de-obra, resultado do êxodo dos colonos portugueses e da guerra civil, que dividindo o país em dois, desarticulou a tradicional relação entre as terras do norte e a mão-de-obra do sul. Do ponto de vista do autor, este contexto de crise é a chave-explicativa da cisão política e do “golpe de estado” de 27 de maio de 1977.

Ainda que defina uma base de apoio nitista, que incluía alguns jornais, estações de rádio e as populações pobres, qualifica a tentativa de golpe como um plano *louco e mal concebido*, reforçado pela tese de que teria havido sucessivas mudanças de data para a execução das ações, planejadas – e por motivos diversos, canceladas – para os dias 20, 25 e 28 de Maio. O revés dos nitistas, que teriam escolhido o dia 27 apressadamente, estaria associado não só a problemas de organização interna como a falta de adesão maciça da população e a participação decisiva das tropas cubanas a favor de Agostinho Neto.

Ao dizer que os problemas políticos foram derivações diretas dos econômicos, Birmingham deixa de avaliar os aspectos próprios da contestação nitista, possível de ser verificado no próprio conteúdo dos protestos veiculados nas rádios e nos jornais e, fundamentalmente, nas 13 teses escritas por Nito Alves em sua defesa, ainda em 1976, fonte talvez inacessível ao autor no momento em que tratou do tema.

É no final dos anos de 1990 que encontro outra perspectiva de análise. Publicado em Luanda em 2001, *Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio*, é o resultado da tese de doutoramento do congolês Jean-Michel Mabeko Tali, importante referencia atual no cenário dos estudos históricos angolanos.

Orienta sua investigação para a compreensão da base ideológica nitista, apresentando dois vetores desse discurso: o primeiro, a negação dos benefícios e privilégios dos tempos colônias e, o segundo, à defesa da ortodoxia marxista-leninista. As 13 teses escritas por Nito Alves, entendidas com um material relevante, apesar de sua pobreza teórica, traz á tona seu messianismo revolucionário e suas críticas ao funcionamento do MPLA.

Nesse sentido, o exame da dissidência nitista é produzido a partir de uma ótica interna, através do Estado e da base de apoio nitista construída em torno de alguns jornais, rádios e escolas. Sem perder de vista os problemas conjunturais, dá ênfase a elaboração de um discurso nitista e de uma reivindicação ideológica.

A terceira análise pode ser encontrada no livro publicado em 2007 intitulado *Purga em Angola. O 27 de Maio de 1977*, de autoria da historiadora Dalila Cabrita Mateus e do jornalista Álvaro Mateus. Seus autores, acreditando ser capazes de mostrar o que *realmente se passou* e preocupados em chegar a uma '*verdade possível*', que não estará muito longe da realidade posicionam-se, logo no início, a favor dos nitistas, o

que fica evidente no título do primeiro capítulo, *Heróis de Angola*, em que apresentam pequenas biografias de Nito Alves e José Van Dúnem entre outros.

Fazem um panorama da história do MPLA para afirmar que existia, desde a luta de libertação, uma divisão do Movimento em dois: o oficial, liderado por Agostinho Neto e o *outro*, que era o MPLA da 1ª região político-militar, região onde Nito Alves lutou, apoiado nas redes clandestinas que se formavam na cidade de Luanda e que efetivamente esteve isolado e manteve pouquíssimo contato com o oficial. Os autores defendem a tese de que apesar do apoio deste *outro* MPLA a Agostinho Neto, a ala nitista montou uma estrutura capaz de eliminar a concorrência interna, ou seja, o que eles chamam deste *outro* MPLA. Como diriam os autores, *haveria um plano meticulosamente preparado que desembocou no 27 de Maio de 1977*. O afastamento de elementos ligados a rede nitista e a expulsão de Nito Alves e José Van-Dunem do Comitê Central do MPLA faria parte deste plano, uma vez que assim, o Presidente Agostinho Neto teria impedido a ascensão dos nitistas no Congresso do MPLA marcado para o final do ano de 1977.

Deste ponto de vista, os acontecimentos do 27 de maio, chamado pelos autores de *insurreição desarmada de massas*, seriam o resultado da pressão exercida pelo grupo em torno de Agostinho Neto, uma verdadeira *provocação, longa e pacientemente planejada, de modo a levar os nitistas a perderem a cabeça e a saírem para a rua, justificando assim um contragolpe, também minuciosamente preparado*. Nessa leitura, o 27 de maio e, conseqüentemente, a repressão que a ele se seguiu – o “contra-golpe” – teria sido estrategicamente pensado como solução política para a manutenção do *status quo*. A conclusão dos autores é de que a purga em Angola, ou melhor, no próprio MPLA, foi a concretização do plano arquitetado pela Direção desde sua chegada em Luanda em 1974, afinal de contas, *a preocupação de Neto e dos seus era, pois, o poder. E pelo poder fariam tudo*.

Aqui reside exatamente a fragilidade desta análise, afinal a idéia de um plano previamente concebido por parte da Direção do MPLA, capaz de explicar o fenômeno nitista, supõe que a Direção do MPLA e os integrantes da tendência nitista estiveram sempre em lados opostos, ignorando o papel que muitos deles tiveram, e Nito Alves principalmente, na repressão aos comitês luandenses e as dissidências ainda no ano de 1974. O texto perde a noção de processo histórico quando leva o leitor a entender que o

nitismo, enquanto alternativa político-ideológica, existira desde o tempo da luta de libertação na isolada 1ª região político-militar.

Finalizando, penso que a opção por pensar o 27 de maio a partir das versões residiu no interesse, creio que já evidente, de acompanhar o modo pelo qual o tema foi e continua sendo abordado e investido, individualmente ou coletivamente, de exercícios de produção de memória, ultrapassando a simples busca por uma suposta verdade sobre os acontecimentos, ainda que eu tenha que admitir que esse é, em muitos casos, o motivo fundamental que mobiliza os trabalhos.

No contexto atual, em que o MPLA continua na liderança do Estado angolano sob o lema do compromisso com a paz e a democracia, sua mais recente declaração feita em maio de 2002 marcou algumas mudanças em relação a sua versão divulgada em 1977. Abandonando claramente o vocabulário *revolucionário*, julga que a repressão promovida foi decorrente da ação daqueles que contestaram a Direção, posicionamento que se ainda fundamentado na atitude ilegítima dos dissidentes, admite, porém, de forma inédita, a violência perpetrada. No entanto, o texto bastante lacônico e o uso do termo *excessos* para traduzir as mortes de ambos os lados sugere que a culpa tem que ser dividida pelas partes envolvidas naquele episódio, de modo que, sob o signo do processo de reconciliação e do re-atualizado projeto de unidade nacional, o 27 de maio deveria ser uma *página virada*.

A despeito da vontade do MPLA, outras memórias continuam sendo construídas, interessadas em explorar o 27 de maio, A Associação 27 de maio, fundada em 2004, por pessoas que, não por acaso, se autodenominam sobreviventes, organiza celebrações alternativas – cartas abertas, almoços e protestos online –reivindicando o estabelecimento de uma entidade independente que viabilize a investigação histórica, o recenseamento dos cidadãos detidos, presos e executados, a indenização dos lesados e a construção de um memorial, portanto de um lugar de memória por excelência, que garanta que a violência não seja repetida.

Finalmente, a apresentação das *memória eruditas* construída pelos avaliadores, evidenciaram, em momentos distintos, interesses e perspectivas diferentes. Houve ora uma análise estritamente economicista (Birmingham), ora uma análise que avaliou o nitismo em termos de um projeto político-ideológico (Tali), ora ainda uma análise que

buscando chegar a verdade (?), pautou-se no equívoco de pensar a pesquisa como missão e a história de forma anacrônica.

### **Bibliografia:**

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar* – Textos em História Oral. FGV, 2004.

ANDRADE, Mário Pinto de. *Uma entrevista dada a Michel Laban*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1997.

AUGUSTO, César (Kiluanji). *Trajectória da vida de um guerrilheiro*. Lunda: Ed. Editorial Vanguarda – Coleção Resistência, 1990.

BAPTISTA, Alves Bernardo. *13 Teses em minha defesa*.  
<http://www.27maio.org/teses.php>

\_\_\_\_\_. *Memória da longa resistência popular*. Ed. África Editora, 1976.

BENDER, Gerald Jerry. *Angola sob o domínio português – mito e realidade*. Editorial Nzila – Coleção Ensaio 21: Luanda, Agosto de 2004.

BIRMINGHAM, David. *Portugal and Africa*: Ed. Palgrave Macmillan, 1999.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos Jornais às Armas. Trajectórias da Contestação Angolana*. Lisboa: Vega Editora, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996. p.183 – 191.

CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo - O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Edições Afrontamento, 1999.

FRANCISCO, Michel. *Nuvem Negra – O drama do 27 de Maio de 1977*. Lisboa: Clássica Editora, 2007.

FRANÇOIS, Ettiène. A fecundidade da história oral. IN: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

FRANK, Robert. La mémoire et l'histoire. IN: VOLDMAN, Daniele (org.). *La bouche de la vérité? La recherche historique et les sources orales*. Cahiers de l'IHTP. Novembro de 1992, p.65-72.

HODGES, Tony. *Angola – Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem*. Ed. Principia: Cascais, 2002.

JAIME, Drumond e BARBER, Helder. *Angola: Depoimentos para a história recente (1950-1976)*. S/l: Edição dos autores, 1999.

LEONARD, Yves. *Salazarisme et lusotropicalisme, histoire d'une appropriation*. Lusotopie 1997, pp. 211 – 226.

LOZANO, Jorge Eduardo. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. IN: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

NETO, Maria da Conceição. *Ideologias, Contradições e Mistificações da Colonização de Angola no Século XX*. Lusotopie 1997, pp. 327-359.

MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola*. Lisboa: Edições ASA, 2007.

PIMENTA, Fernando Manuel Tavares Martins. *Branços de Angola – Autonomismo e nacionalismo (1900 – 1961)*. Edições Minerva Coimbra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Angola no Percurso de um Nacionalista – Conversas com Adolfo Maria*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200 - 212.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. IN: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996. p. 103 – 130.

TALI, Jean-Michel Mabeko. *Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio*. Vol I (1962-1974). Editorial Nzila – Coleção Ensaio 3: Luanda, 2001.

ROCHA, Edmundo. *A Casa dos Estudantes do Império nos anos de fogo*. Lisboa: Associação Casa dos Estudantes do Império, 1997.

TALI, Jean-Michel Mabeko. *Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio*. Vol I (1962-1974). Editorial Nzila – Coleção Ensaio 3: Luanda, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio*. Vol II (1974-1977). Editorial Nzila – Coleção Ensaio 4: Luanda, 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Peculiaridade dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2001.